

Vladimir e a exclusão de

"O Homem de Areia"

Foi ampla a repercussão da não-inclusão do filme de Vladimir Carvalho, **O Homem de Areia**, no XIV Festival de Cinema de Brasília. Representantes do meio cinematográfico local se pronunciaram e a Fundação também. Houve um primeiro depoimento de Vladimir ao **Correio Braziliense** e agora, num segundo momento, o cineasta volta a defender idéias "mais amadurecidas", segundo ele próprio, em torno do fato, que envolveu seu filme.

Desconfio que tenho um contrato de exclusividade com a censura. Primeiro foi a censura instituída que todos conhecem e que continua a funcionar. Essa interdito inapelavelmente "O País de São Saruê", em 1971, para depois liberá-lo com grandes fanfarras na abertura de 79. No intervalo tive ainda cortado um trecho de "Itinerário de Niemeyer", por causa de uma frase mais ousada do arquiteto sobre a política. Mas da censura dos gabinetes, dos que querem passar por mentores da cultura, dessa jamais me livrei. No caso do Festival de Brasília de 79, todos conhecem o episódio de "São Saruê" embargado na premiação porque a Embrafilme, representada no júri, levantou a bandeira segundo a qual um filme de dez anos não poderia preterir as novas produções, mais comerciais, o que veio beneficiar **Muito Prazer** que era o que eles queriam.

Mesmo em 1971, quando o Festival poderia ter ajudado na liberação de "São Saruê", como sempre fez com outros filmes, eu tive em Carlos Fernando Mathias o mais ferrenho acusador junto ao Conselho da Fundação. O ano passado estive fora da mostra porque o meu documentário "Brasília Segundo Feldman", hoje aceito e reconhecido em vários festivais, não apresentava um rele papel burocrático que fora dispensado para outros concorrentes. Como se vê, é um difícil caminho que venho percorrendo desde quando cheguei a Brasília, e ao qual, como os da minha sofrida tribo nordestina, me acostumei.

No caso de "O Homem de Areia", entendo que o mais grave do episódio é que o veto por parte da Fundação - que mandou secretamente ao Rio pessoas inteiramente desvinculadas do movimento cinematográfico local -

vem mais uma vez comprovar a sistemática obstrução da FCDF a qualquer tipo de produção cultural que dê voz a Brasília. Aqui as idéias têm de ser absolutamente vigiadas, a sua circulação está proibida, mesmo num tempo de reconstrução democrática como o que se pretende. E uma coisa deve ser definitivamente esclarecida: o veto do FCDF aos filmes de Brasília decorre ao fato de Carlos Fernando Mathias não aceitar a realização do Festival este ano e nós termos forçado a barra através de uma campanha pública para que o Festival acontecesse. A punição veio na hora. Não contente em obstruir durante toda uma gestão as reivindicações e atuação da seção local da Associação Brasileira de Documentaristas, o diretor executivo da Fundação alija qualquer vestígio da presença de Brasília no cinema. Escolheu a dedo os dóceis jurados que foram ao Rio, sem consultar nenhuma das entidades que em Brasília lidam com as atividades cinematográficas, num ato arbitrário e num total desrespeito à comunidade, que no fundo é quem paga os custos do Festival. A mostra que vai acontecer continua sendo um festival em Brasília e não um festival de Brasília. E olhem que não é só quanto ao cinema que o tacão ditatorial da Fundação se faz exercer: apresentem-me um só produtor artístico e cultural que esteja satisfeito com este triste estado de coisas.

Quanto a "O Homem de Areia" qualquer um tem o direito de gostar ou não gostar, como foi o caso do general Reynaldo de Almeida, filho de José Américo, e que numa pré-estréia na Paraíba ficou muito aborrecido, pois esperava uma apologia e o que o filme faz é seguir com isenção os dados da História, apresentando a grande figura com todos os defeitos e virtudes. Mas no caso de Brasília, longe do mero gosto pessoal, o que deve ser respeitado é o trabalho desenvolvido aqui, o processo cultural que inseriu Brasília no mapa do cinema brasileiro como um centro irradiador do documentário cinematográfico, com grande número de prêmios conquistados. E tudo alcançado sem a menor ingerência ou ajuda do poder público. Talvez isto irrite e indisponha ainda mais os donos do poder que agora nos puniram.